



O beneficiamento do coco e as juventudes da comunidade de Sítio Coqueiro, Assentamento Maceió em Itapipoca/CE

Bárbara Maria Alves dos Santos¹

Resumo: O grupo de beneficiamento do coco da comunidade de Sítio Coqueiro, no assentamento Maceió, Itapipoca – CE, é um grupo que existe há quase cinco anos, formado por jovens e mulheres agricultores da reforma agrária, baseado na agroecologia e na economia solidária. Este relato tem como objetivo publicizar, lançar luz sobre a experiência de produção, vivência e comercialização solidária do grupo, elucidando os processos e construções que os trouxeram ao momento atual.

Palavras-chave: Juventudes; Agroecologia; Beneficiamento do Coco.

Contexto

Até pouco tempo atrás, a agroecologia era um termo pensado e usado majoritariamente pelo meio acadêmico, de modo que dificilmente se ouvia falar sobre ela nos territórios, entre agricultores e agricultoras, menos ainda entre as juventudes, fossem elas do campo, das aldeias, dos quilombos ou das cidades. Embora o termo para muitos ainda configure uma linguagem academicista, as vivências agroecológicas se dão nos territórios, nos saberes inatos dos agricultores e de quem entende a experimentação como parte desse processo, e isso pode se dá nos lugares mais diversos possíveis.

Não é incomum conhecer pessoas que trabalhem e vivenciem a agroecologia sem nunca ter ouvido tal palavra, e no assentamento Maceió não foi diferente. Aqui, o debate da agroecologia (termo associado à vivência) adentra o território e ganha força nos anos 2000, a partir da assessoria técnica prestada pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao

¹ Bárbara Maria Alves dos Santos é graduanda do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidade pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, jovem rural da comunidade de Sítio Coqueiro - Assentamento Maceió, é artista popular no Balanço do Coqueiro e do grupo de Beneficiamento do coco.



Trabalhador e a Trabalhadora (CETRA) e dentro das comunidades assessoradas estava o Sítio Coqueiro.

Os anos fizeram com que o debate da agroecologia avançasse e ganhasse novos espaços, novos grupos, e com isso, a necessidade de discutir as especificidades de cada um. Assim, já tendo iniciado um trabalho com as mulheres, pouco antes do início da década de 2010, o CETRA se propõe a também trabalhar mais fortemente a agroecologia com as juventudes das comunidades assessoradas, das quais, o Sítio Coqueiro ganha destaque, pela experiência que será apresentada posteriormente. É válido ressaltar que a comunidade sempre teve uma base organizacional muito sólida, um dinamismo próprio que contribui para a construção do projeto de comunidade que eles querem.

Tendo como ponto de partida um novo olhar para o meio rural, os jovens da comunidade passam a se perceber e perceber a comunidade como potência, como espaço de saber e afeto, a agroecologia como modo de vida e não apenas como um termo criado na academia para práticas que muitos já vivenciavam no cotidiano, tendo em vista que nesse período a comunidade já estava no ápice da transição agroecológica. A partir daí, o movimento de migração para as cidades, como Fortaleza e São Paulo, ou até mesmo o ato de deixar o assentamento para morar na área urbana de Itapipoca tem uma reduzida gradativa, tendo em vista que, empoderados e conscientes de que é possível sim bem viver no campo, a partir do que se produz e do acesso a políticas de convivência com o semiárido, além do acesso à educação, cultura e lazer, esses jovens permanecem e lutam para continuar no território. A economia solidária aparece neste cenário como estratégia de permanência.

Nesse sentido, no final de 2016 nasce o grupo de beneficiamento do coco, mais precisamente de óleo de coco, parte do que propunha o projeto Florestação², realizado pelo CETRA, que surge como possibilidade de geração de renda, numa produção de base agroecológica e solidária. O projeto teve início em 2013 e com conclusão em dois anos. Era de caráter produtivo e de assistência técnica, tendo como objetivo potencializar os quintais produtivos, desenvolver sistemas agroflorestais, trabalhar a conservação das espécies nativas,

² Projeto Florestação: Agricultura na Floresta, documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=a2OMujLohvI>



das águas e o reflorestamento de áreas, além do investimento em educação ambiental e de fomentar o processamento da produção dos agricultores em coletivos/grupos para a comercialização nas comunidades e nas feiras agroecológicas dos territórios.



Foto: Cacheado Braga

Cerca de 14 coletivos foram formados pelo projeto, dez para o beneficiamento do caju, dois do milho, um para o urucum e um para o coco. Desses, após o projeto, seguem em funcionamento a unidade beneficiadora do urucum (colorau), algumas das unidades que trabalhavam com o caju (cajuína) e a de beneficiamento do coco, que a princípio dividiria o maquinário da produção com outra comunidade, porém esta desistiu e a comunidade do Sítio Coqueiro foi quem levou a produção adiante. O grupo formado na comunidade para a produção foi inicialmente composto por mulheres, mães dos jovens que hoje assumem o comando da produção e comercialização dos produtos, e que não mais corresponde apenas ao óleo de coco, embora ainda seja o “carro chefe” de vendas, mas também coco ralado, farinha e manteiga de coco, cocada etc.



Descrição da Experiência

Costumo dizer que a experiência do grupo de beneficiamento do Sítio Coqueiro – Itapipoca, CE) é muito mais que produzir óleo de coco ou qualquer dos seus subprodutos. É uma experiência pautada na agroecologia, na reforma agrária, na autonomia da juventude, no feminismo, no diálogo e no afeto. É baseada na experimentação, no acolhimento dos saberes e singularidades, no resgate do saber e da memória. Digo isso porque hoje, com quase cinco anos de existência e uma base firmada no imaginário e no solo resistente do assentamento Maceió, o grupo reflete o saber dos pais, dos avós, daqueles que vieram antes deles e que já produziam o óleo de coco. Para alguns membros do grupo é a memória de um tempo difícil e de escassez que hoje se ressignifica em oportunidade.



Foto: Balanço do Coqueiro por Bunker Art Lab

Mesmo tendo passado por um processo formativo no período em que o projeto Florestação estava montando os grupos de beneficiamento, foi experimentando que descobriram a melhor forma de se fazer o óleo de coco. Antes, o processo para chegar no produto seguia as seguintes etapas: derrubada e limpeza dos cocos, raspagem, prensagem, levava o leite extraído para a geladeira, depois de 24h levava a nata condensada ao sol e



esperava derreter para obter o óleo e só então, filtrar e envasar Além das últimas etapas consumirem muito tempo, o óleo ficava embaçado e o grupo realizava a produção num espaço que fugia a adequação, que era o alpendre da casa de uma das integrantes. Sentindo a necessidade de melhorar o produto e agilizar o processo, foi testando outras possibilidades que descobriram que o quarto escuro era uma alternativa. Deixou o óleo mais límpido e poupou o tempo que era gasto na observação da nata no sol.



Foto: Óleo de coco 300ml por Bunker Art Lab

Conforme o grupo foi se consolidando, e com muitas atividades para fazer, os filhos das mulheres do grupo foram gradativamente substituindo-as na produção. Cabe destacar que nesse período a comunidade já contava com um grupo de jovens estruturado e ativo, produzindo arte e cultura popular, o Balanço do Coqueiro³, formado pelos filhos e filhas dessas mulheres. Assim, foi natural que a organização assumida no grupo de percussão refletisse no que hoje é a espinha dorsal do grupo de beneficiamento. Além do óleo de coco, o coletivo produz coco ralado, cocada, farinha de coco, manteiga de coco, bolos e tortas dos derivados do coco. A comercialização que era feita quase que integralmente na Feira

³ No processo de constituição de identidade do grupo de beneficiamento, notou-se que sua composição era a mesma presente no Balanço do Coqueiro. A partir dessa percepção, não fazia sentido pensar em outro nome, quando eles já eram o próprio Balanço do Coqueiro, porém, num segmento de atividade diferente. Ou seja, o Balanço é um coletivo único que atua no ramo artístico e produtivo.



Agroecológica e Solidária de Itapipoca, hoje conta com as redes sociais como o Instagram e o *WhatsApp* como canal de vendas, além da Feira Agroecológica de Fortaleza e o Quiosque Agroecológico de Sobral.

Nesses quase cinco anos, o Balanço do Coqueiro enquanto grupo produtivo reformulou o significado de articulação de juventude pautada na geração de renda dentro do assentamento Maceió. Antes, os agricultores da comunidade tinham o hábito de vender seus cocos para fora, hoje, é para o grupo que eles vendem. As demandas cresceram ao ponto de precisar buscar fornecedores de coco em outras comunidades do assentamento, sempre se assegurando de que o manejo dos coqueiros é de base agroecológica. Ainda parece pouco, mas num assentamento com cerca de 2000 famílias, as pessoas saberem e confiarem num trabalho desenvolvido pelas juventudes da menor de suas comunidades é muita coisa. Para além disso, o funcionamento do coletivo contribui para a cultura e soberania alimentar do território, tendo em vista que o coco é muito presente na alimentação das comunidades por fazerem parte da região praiana do município.



Foto: Rojane Santos para a Escola de Gastronomia por Cacheado Brago

Recentemente, Rojane Santos levou o óleo de coco para dentro de um dos equipamentos mais importantes da Secretaria de Cultura do estado do Ceará, a Escola de Gastronomia Social Ivens Dias Branco. A 3ª edição do Laboratório de Criação em Cultura



Alimentar⁴ e Gastronomia Social foi um divisor de águas não só para a Rojane, mas para todo o grupo, principalmente no que se refere a melhoria no processo de produção, tendo em vista que o processo de fermentação (quando o leite do coco se transforma em óleo), que levava 48h, foi otimizado para 24h. Além disso, a pesquisa contribuiu para que se reorganizassem nas partes administrativa e financeira.

Acredito que uma das coisas mais potentes desse coletivo é que embora sejam parentes, independente de consanguinidade eles escolhem se cuidar e cuidar uns dos outros. Enquanto produzem, dialogam sobre suas vidas, seus corpos, discutem política e conjuntura, educação sexual, feminismo e sexualidade. Eles são entendedores de que é preciso estar atento e forte, como canta Gal Costa, principalmente porque são herdeiros da luta de um assentamento que passou pelas mãos de muita gente aguerrida, principalmente mulheres. Não à toa, o coqueiro e seu fruto significam tanto para eles. Os protagonistas da luta, contam que naquela época não se tinha o direito de sequer plantar um coqueiro, pois se plantasse o “dono” da terra, o patrão, mandava arrancar. Hoje, essa mesma palmeira sacia a fome e gera renda para essa juventude e suas famílias.



Foto: Bárbara Maria

⁴ 3º Laboratório de Criação em Cultura Alimentar e Gastronomia Social (2020)
<https://www.youtube.com/watch?v=IcZ5AaJicaQ>



Resultados e Discussões

Até recentemente, o grupo se reunia para produzir no mesmo local de quando começaram lá em 2016. Porém, através do projeto Rede de Feiras Agroecológicas e Solidárias, iniciado em 2019, a comunidade recebeu uma unidade de beneficiamento, espaço físico adequado para o funcionamento da produção, assim como alguns dos outros coletivos formados durante o projeto Florestação, como é o caso do grupo do colorau. O projeto veio com a proposta de potencializar e dar continuidade aos resultados construídos com o Florestação, tendo em vista os coletivos de produção formados, o aumento da participação dos agricultores e dos produtos ofertados nas feiras agroecológicas e solidárias. Além das unidades de beneficiamento, o projeto entregou novas barracas e formação para os feirantes dentro do universo da comercialização. O projeto, desenvolvido e realizado pelo CETRA, com financiamento do programa ECOFORTE, se encaminha para sua conclusão com a construção e inauguração das unidades de beneficiamento que ainda constam no projeto. A unidade do Sítio Coqueiro foi inaugurada no dia 16 de outubro de 2021, sendo a primeira unidade do projeto a ser finalizada. Cabe ressaltar que o Balanço do Coqueiro atuou ativamente no processo da construção, desde a leitura da planta, alimentação, como servente, até o dia da inauguração.



Foto: Inauguração da Unidade de Beneficiamento de Sítio Coqueiro



Considerações Finais

O que se pode concluir dessa experiência é que as juventudes não só discutem a agroecologia, como a vivenciam, seja no campo, nas aldeias, quilombos, florestas ou cidades. Nós estamos resistindo e não renunciamos ao nosso direito de escolher onde viver e como viver. Dar continuidade à sucessão rural é uma pauta que muito nos interessa, porque sem acesso à terra não há agroecologia, é de nossa necessidade falar sobre feminismo, porque sem ele não há agroecologia, e descobrimos que sem agroecologia a gente vive, mas vive mal e nós queremos mais é bem viver e bem viver no campo. E a gente segue esperando, pois já dizia Paulo Freire, que esperar é não desistir.